

MORAR NA PRAÇA PÚBLICA: REDES E FLUXOS ENTRE HABITANTES DE RUA

Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz¹

Resumo: O presente artigo é fruto de pesquisa etnográfica realizada entre habitantes de uma praça situada no município de Niterói, Rio de Janeiro. A investigação nasce de uma atividade de extensão universitária que visa produzir uma reflexão sobre a experiência do espaço urbano vivida por esta população; observamos que o mesmo espaço físico se reconfigura a depender das diferentes formas de apropriação que se dão no território estudado. A partir da análise das narrativas colhidas entre moradores de rua, pensamos as dificuldades de comunicar a experiência socialmente considerada como de insucesso, na elaboração de uma etnografia da duração. Tecemos, a partir da relação com os sujeitos estudados, uma arqueologia do lugar que considera as metamorfoses no espaço vivido resultantes de projetos de urbanização e modernização de áreas de moradia popular e as estratégias construídas para lograr permanecer no local em que se escolhe viver. A partir da experiência de produção de vídeo com esses moradores refletimos sobre a linguagem da pesquisa etnográfica na apresentação de casos de experiência traumática.

Palavras-chave: Moradores de rua, modo de vida, socialidade, narrativa, etnografia da duração, antropologia visual.

Abstract: This article is based on ethnographic research conducted among residents of a square located in Niterói, Rio de Janeiro, Brazil. The research comes from a university extension activity that aims to produce a reflection on the experience of

¹ Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz é professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, onde coordena o Laboratório do Filme Etnográfico. É autora de *Dramaturgias da Autonomia. Pesquisa Etnográfica entre grupos de trabalhadores* (2009) e de séries de filmes etnográficos realizados entre diversos grupos urbanos.

urban space experienced by this population. We found that the same physical space reconfigures itself depending on the different forms of experience in the studied area. From the analysis of the narratives collected from homeless people, we think the difficulties of communicating the experience socially considered as failure, in developing an ethnography of duration. From the relationship with the subjects studied, I consider the metamorphosis in the lived space resulting from urbanization and modernization projects in the areas of working class housing and built to achieve the strategies to remain in place where one chooses to live. From the experience of ethnographic filmmaking with these people I reflect on the language of ethnography in the study of traumatic experience.

Keywords: Homeless, way of life, sociality, narrative, ethnography of duration, Visual Anthropology.

A partir de pesquisa etnográfica realizada entre moradores de uma praça em Niterói, Rio de Janeiro, gostaria de desenvolver algumas considerações acerca da centralidade das redes de socialidade na produção de estratégias de ocupação do tecido urbano por sujeitos que, por sua posição social nos extratos mais desfavorecidos da classe trabalhadora, são excluídos dos projetos estatais. A cidade, em sua história de ocupação, tem sido recortada por projetos de desenvolvimento que desconsideram as populações do território em questão que é recortado por obras de impacto natural e social, construção de grandes vias públicas, edificações privadas e outras metamorfoses que incidem sobre as condições de reprodução dessa população. Reflito ainda nesse artigo sobre a dificuldade de narrar a experiência vivida em trajetórias de sujeitos marcados pelo trauma e, sobre as abordagens e as formas da etnografia capazes de lidar com as linguagens dos homens e mulheres que experimentam e nomeiam o mundo em que vivem.

Este trabalho nasce de um projeto de extensão intitulado *Sociabilidades urbanas e Comunicação social: Oficinas de Vídeo entre moradores de bairros populares de Niterói* vinculado à Universidade Federal Fluminense, iniciado há apenas um ano e reúne uma equipe de pesquisadores em formação em nível de graduação e pós-graduação

das áreas de antropologia, sociologia e cinema. Apresento aqui primeiras aproximações de nossos achados empíricos e elaborações metodológicas. Encontramos na noção de fluxos urbanos uma chave de análise dos fenômenos que observamos na pesquisa de campo nos locais de moradia popular que cercam a Universidade. Recortamos como espaço da observação etnográfica uma região que vai se reconfigurando a partir dos percursos e relações construídas pela população estudada.

Na história da urbanização de Niterói, o bairro de São Domingos ocupa um lugar contraditório, próximo à região central, em direção ao que, no imaginário da metrópole carioca, pode ser concebido como “zona sul”, recebe projetos de desenvolvimento urbano com aterramento de extensas faixas litorâneas, construção de grandes vias e do campus da Universidade. Mais recentemente, uma política de reforma urbana com o cercamento das praças como política pública foi levada a cabo pelas autoridades municipais (Botelho, 2006:17). No ideário desse tipo de intervenção urbana desconsidera-se completamente a cidade como tecido vivido, ignorando as formas de vida e impondo obras e ações sobre uma população que se reterritorializa permanentemente.

A Praça Leoni Ramos, localizada em frente ao campus universitário, construído nos anos 50 sobre região de aterro marítimo, é hoje o centro de um núcleo ocupado na geografia urbana como área dedicada a atividades de lazer, abrigando uma série de bares, restaurantes, casas noturnas, onde diferentes grupos culturais da região metropolitana do Rio de Janeiro, estudantes, vendedores ambulantes e moradores de bairros populares socializam-se. Em torno da praça, edifícios altos de apartamentos residenciais dividem o espaço com antigas casas ocupadas por pequenos estabelecimentos comerciais ou cortiços. A praça fica em frente à Estação Cantareira, espaço tombado pelo patrimônio histórico, antigo estaleiro para manutenção das barcas que faziam o transporte marítimo entre Niterói e a cidade do Rio de Janeiro, cruzando a Baía da Guanabara, antes da região ser aterrada. O prédio foi incendiado em 1959, por insatisfação da população com o serviço prestado pelas barcas. Em 1979, o governo desapropria o imóvel que passa a ser administrado pelo

estado que o cede à prefeitura de Niterói. Depois de ficar abandonado é retomado pelos movimentos culturais em torno do bairro de São Domingos. Retomado pela empresa Barcas S.A., o prédio na porta da Universidade permanece em litígio, sendo alugado ocasionalmente para festas ou feiras. Hoje é um grande galpão que tem a fachada do prédio histórico mantida e abre eventualmente para shows pagos que reúnem estudantes universitários e jovens da cidade.

Assim, a Praça da Cantareira, fica no centro de um espaço urbano povoado por diferenças. Em nossa abordagem, a praça torna-se espaço de pontos de vista. Nesse momento da investigação nos detemos no ponto de vista dos moradores de rua que habitam a praça e em suas relações construídas com os morros, os cortiços, as vielas ocupadas pelas classes trabalhadoras que habitam o bairro, os pequenos comerciantes, as Igrejas e o tráfico de drogas. Faz parte desse panorama ainda a situação que a região metropolitana do Rio de Janeiro vive nesse momento com a política pública de policiamento ostensivo dos espaços populares, o chamado “choque de ordem”, que fragiliza posições sociais, legitimando a violência como linguagem da apropriação do espaço urbano.

Ao definir o campo estudado como espaço de pontos de vista, nos aproximamos de uma antropologia da experiência que se interessa por compreender a cidade vivida, percebida e concebida pelos homens e mulheres que a ocupam. O terreno de pesquisa é mediado pela produção de vídeo, no estudo das relações que alguns distintos personagens estabelecem com a Praça da Cantareira. Visamos desenvolver abordagens audiovisuais em torno das distintas experiências que esses sujeitos fazem do espaço. O trabalho com o filme etnográfico na praça nos permite desenvolver diversos recursos para estabelecer relações compreensivas com diferentes experiências. Na pesquisa, moradores dos morros invisibilizados pelo traçado urbano, que habitam a praça, em seus percursos, relações e tempos de lazer, narram histórias de vida e ocupação urbana.

Observamos a permanência de formas residuais de trabalho no bairro e a permanência de atividades produtivas de pequena escala, saberes-fazer que se mantêm a partir de relações de vizinhança e da presença de outros personagens:

estudantes, moradores de cidades periféricas da região, frequentadores dos bares e restaurantes em frente à Universidade, passantes. Jovens pichadores deixam marcas nos vários tempos que revela a arquitetura do lugar. Eles têm uma linguagem própria, um discurso que se impõe e que pensa a sua circulação, num controle sobre os códigos da comunicação social. Casas antigas são cortiços, abrigam muitas famílias. Moradores de cortiços confraternizam-se com moradores da praça que variam sazonalmente entre a praia e a coleta de marisco e pedir esmolas, tomando sol, bebendo cachaça, enquanto as crianças brincam.

A Praça da Cantareira apresenta-se como o centro de redes de socialidade e lugar privilegiado de observação por reunir diferentes experiências do espaço urbano: moradores de morros com suas casas próprias, moradores de cortiços, habitantes de rua, incluindo também estudantes e pequenos comerciantes. Vendedores ambulantes, que disputam a possibilidade de estar ali, no contexto do 'choque de ordem', em dias e horários específicos, são protegidos pela multidão de estudantes que param para tomar cerveja às noites de quinta-feira. Mas, a política do choque de ordem não parece rivalizar com o tráfico de drogas ilícitas, que continua seu negócio, impondo zonas de circulação proibida para aqueles que se indispõem com as organizações solidamente enraizadas num tecido de relações sociais e códigos compartilhados por grupos específicos nos locais de moradia popular.

Nessa pesquisa encontramos um tecido urbano extremamente recortado por diversas formas de violência e jogos de poder e nos instalamos em um espaço de pontos de vista, segundo a abordagem que construímos na prática de produção do vídeo etnográfico, estreitando o diálogo com aqueles que permanecem no espaço da praça, habitando-a como casa ou como espaço de convivência. Estreitando diálogos com aqueles que vivem noite e dia nesse território, buscamos compreender como é que vai-se configurando uma "política do chão" (Lepecki, 2012). Gostaria de tecer um diálogo com a definição proposta por André Lepecki, pensador do campo da teoria da performance, para melhor compreender o que está em jogo na situação estudada.

A política do chão não é mais do que isto: um atentar agudo às particularidades físicas de todos os elementos de uma situação, sabendo que essas particularidades se co-formatam num plano de composição entre corpo-e-chão chamado, história. (...)

Só assim pode uma cidade deixar de ser esse amálgama de construções e leis criadas com o objetivo de se controlar cada vez mais totalmente os espaços de circulação (de corpos, desejos, ideais, afetos); só assim pode uma cidade se tornar uma coreografia de atualização de potências políticas e de viver contidos sempre em todo e qualquer cidadão: deixando a política acontecer na sua verdadeira face, de modo a que 'se possa esperar que o inesperado aja (*performs*) o infinitamente improvável', como disse Arendt. (Lepecki, 2012: 20; 25, *passim*)

Os moradores da Praça permanecem ali há anos, alguns desaparecem por um tempo, viajam, vão para a casa de conhecidos ou para instituições, mas retornam. A praça parece ser lugar de encontro, de debate, de troca entre moradores da cidade. Espaço habitado, que se aproxima da ideia de praça pública, cada vez mais rara e esvaziada pelo tempo acelerado da metrópole e pela vida sobre rodas produtora do trânsito e de uma relação acelerada com as ruas nas grandes cidades. Mas, a Cantareira parece resistir. As pessoas que se afirmam como moradores da praça não pretendem sair dali e constroem suas estratégias de subsistência ancoradas no estar ali. Morar na rua se apresenta como modo de vida. Forma essa baseada em múltiplas relações construídas com os outros habitantes do mesmo espaço.

As mulheres que vivem na praça são bravas. Algumas delas evitam quaisquer contatos com a pesquisa, ao longo desse ano de trabalho compreendemos sua posição nas relações com atividades ilícitas no circuito do tráfico de drogas. Casais e homens sozinhos não se recusam ao diálogo, expondo suas razões e trajetórias. Maria e Pelé são os pais de Pedro². Ela morava no Beco do 27, uma viela cheia de barracos localizada na rua dos fundos da Praça, era casada e Pelé era o melhor amigo de seu marido. Eles se aproximam e passam a manter uma relação, quando ela engravida e sai de casa. Desde então eles foram morar na praça, Pedro fez quatro anos recentemente. Maria habita a região há mais de vinte anos. Pelé trabalha reunindo e vendendo caixas de madeira e outros objetos recicláveis, enquanto ela

² Os nomes dos interlocutores da pesquisa foram transformados.

pede dinheiro para obter o alimento para sua família. Nos momentos em que precisam de ajuda o seu primeiro marido os socorre. Diariamente, várias pessoas que passam por ali almoçam com eles, dormem nos bancos da praça, encontram os amigos para tomar cachaça e comentar os acontecimentos.

Mas, quem mora na rua não mora “na rua”, há inúmeras relações com casas, famílias, viagens, barracos, lugares onde deixar as coisas, pessoas, saberes, como nosso exemplo nos faz ver. Um modo de cozinhar articula-se com formas de conseguir doações e armazenar alimentos. Reutilizar da água, explorar o espaço urbano e a criar novas formas de uso das fontes de energia encontradas: a energia elétrica, a madeira, o alimento. Valorar tais elaborações como saberes parece ser um demarcador importante de uma abordagem, aquela que reconhece como legítimos os pontos de vista dos sujeitos estudados.

Os estudos sobre moradores de rua que tem se multiplicado nas últimas décadas apontam a centralidade de formas de trabalho e de atividades em torno da produção de alimento. “O foco da vida econômica passa a ser o alimento” (Neves, 2010:120), mas, mais que isso, a atividade produz uma subjetividade particular, uma corporalidade, uma atividade centrada na subsistência cotidiana. Como neste estudo de caso:

Em meio àquela confusão de pessoas, cachorros, colchões, o fogão parecia um lugar isolado, mantido à parte. A comida e sua criativa elaboração, junto com a pinga pareceram garantir a vitalidade daquele agrupamento. Nos modos de cozinhar e comer, expõe-se um embate constante entre um parâmetro civilizador idealizado e a realidade subtrativa na qual as formas de cozinhar e de comer têm que ser adaptadas. E, desse conflito, emergem formas criativas e inusitadas de exercício do mundo doméstico no espaço público, bem como uma enunciação clara de agenciamentos corporais dinâmicos, sobreviventes e reformuladores dos códigos sociais que se pretendem homogêneos (Frangela, 2004:247).

Encontramos no diálogo com essa população suas histórias de migração organizadas a partir de experiências de trabalho, faz-se necessário reconhecer seus hábitos e modo de vida particulares, seus valores e as soluções que elaboram como táticas de reprodução da vida, esse passo exigiria uma outra concepção de ciência,

aquela que tem como primordial o diálogo com a lógica dos sujeitos estudados, e uma crítica ao modo como a política pública é elaborada de forma antidemocrática.

Nessa pesquisa, a abordagem da história de vida só parece render frutos com os senhores mais velhos, que tem em sua trajetória o trabalho como experiência central, marcadora de uma posição, de um modo de vida. Com aqueles mais jovens que não chegaram a atuar em relações formais de trabalho, exercendo atividades como lavadores ou guardadores de carros, ou mulheres que se dedicam ao cozinhar e cuidar de crianças, atuando em ocupações subvalorizadas a pergunta pela história de vida é rapidamente repelida. Em seu lugar mostram suas cicatrizes no corpo, passado presente como marca. Encontramos no diálogo com alguns desses sujeitos a dificuldade de narrar suas histórias de vida. A escuta das narrativas visando produzir uma “etnografia da duração” (Eckert e Rocha, 2009:110) encontra relatos que testemunham a transfiguração urbana que desvaloriza os saberes-fazer apreendidos ao longo da vida, para os quais damos atenção.

À partir do levantamento das trajetórias de vida de nossos interlocutores sabemos que muitos deles são ex-trabalhadores manuais ou técnicos, pedreiros, eletricitas, soldadores, jardineiros, uma grande parcela dedica-se à pesca, à cata de material reciclável e à mendicância. Ex-pescadores de alto-mar, quiçá trabalhadores dos antigos estaleiros de quando a estação Cantareira era sediada na Praia Grande, antes do aterro, há mais de meio século.

A permanência dessa população na rua, na praça e na praia, a sua tranquila relação com os moradores do entorno, podem indicar um reconhecimento tácito de seu direito a permanecer ali fundado numa história de metamorfose no espaço urbano pautada na implementação de projetos de desenvolvimento de autoria do Estado que desconsidera certos personagens. Transcrevo aqui a fala do senhor Marcha Lenta, morador da Praça da Cantareira, por quem fomos observados ao longo de meses em diferentes situações, quando ele decide espontaneamente dar o seu depoimento para a câmera:

“Eu já andei por esse Brasil inteiro. Eu tenho raiva de São Paulo porque quando eu saí daqui do Rio pra ir pra São Paulo, pra trabalhar lá, me perguntaram: Você não bebe cachaça? Não vai tomar banho frio! Sabe o que aconteceu? Todo dia na hora de tomar o banho eu tinha que tomar um copo de cachaça. Na época lá a cachaça era

Três Fazendas. Tomei raiva de São Paulo porque aprendi a beber cachaça. Todo dia um copo cheio, aí vicia! Mas, é um lugar bom. Não é um lugar bom, bom, bom. Bom é o Rio de Janeiro. O Rio é um lugar bom, bom, bom! Considero um lugar bom Minas, Bahia. Tem muito mais lugar que eu conheço, Paraná, tem muito lugar que eu conheço, Curitiba. Mato Grosso não vou dizer que é um lugar bom, lá eles faziam um contrato pra trabalhar, mas tem que ter um olho no padre outro na missa. Só tinha gente ruim do Ceará. Não podia dormir. Peguei um trem em Curitiba, trabalhei no Mato Grosso. Trabalhei na Bahia. Trabalhei nos dois Hotéis Sheraton, trabalhei no Vidigal, depois eu fui pra Bahia.

Antes de trabalhar no Sheraton, primeiro eu trabalhei no Meridien, esse aonde faz a passagem de ano. Eu trabalhei ali, da fundação até o fim. A cozinha dele é lá em baixo, subterrânea, do hotel Sheraton é no terceiro andar. Eu construí e sei tudo. eu trabalhei lá, trabalhava com eletricidade, instalei tudo. Pode perguntar pra qualquer um se a cozinha do Hotel Sheraton não é no terceiro andar e a do Meridien não é em baixo. Pode ligar pra qualquer um que conheça, pra qualquer um que conviveu nesse hotel. Vou até dizer quantos andares tem, pra senhora saber que eu conheço de cima em baixo. Tem 26 andares. A senhora pode ligar pra saber, lá eles vão dizer, tem 26 andares. Eu trabalhei da fundação até lá em cima. E matou a minha prainha, acabou com a praia do Vidigal aquele hotel. Ali era nossa praia, na infância.

E, o senhor está em Niterói desde quando?

Em Niterói, desde 79. Minha família toda é de Niterói. Vim pra cá em 79, com 31 anos, arrumei família aqui. Eu não conheço o Brasil todo ainda não mas conheço muito. Não conheço a Amazônia, que é o fruto do Brasil, no dia que eu conhecer a Amazônia vou dizer que conheço, mas conheço muita coisa. Vou dizer: Eu conheci uma pouca parte do brasil, mas não conheci tudo. Conheço muito, muito, muito, muito. Minha vida foi trabalho e querer conhecer. Vim arrumar família com 32 anos. Servi no Leme, do Leme fui morar em Nova Iguaçu, de Nova Iguaçu arrumei uma família e fui morar em Queimados e a minha vida foi assim. Com essa mesma mulher que morei em Queimados, morei em Nova Holanda, de Bom Sucesso, com ela morei antes em Tribobó. Depois não deu certo. De Tribobó fomos morar no morro do Cárcere não deu certo, com ela eu não tive filho não. Aí eu arranjei família e vim pra cá.

Desde então o senhor está morando na mesma casa?

“Aqui? Eu moro na rua! Os meus filhos vem aqui me resgatar, mas eu não quero, são todos casados, não quero ser um intruso na vida deles. Eles vem. Pode perguntar pra qualquer um aí. Pai vamos pra casa. Não vou. Aqui eu como, eu bebo, arrumo minhas latinhas, eu como ali, oito real, ali na padaria. não como aí, não (aponta para os outros moradores da praça). Todo dia eu arrumo, graças a Deus, não preciso ficar me humilhando na comida deles ali. é ou não é? A senhora me viu me humilhando na comida deles ali? Pra mim é uma vergonha. Eu saio me arrastando do jeito que eu ando. tem vez que eu arrumo aqui 30, 40 só de latinha. Eu não uso droga, uso minha cachaça. Paga dez contos fica mais com vontade de pa, pa, pa. daqui a pouco é cem, vai tudo. Se eu comprar de manhã uma garrafa de 2,80 dura pra mim até o outro dia. Se eu comprar um maço de cigarro, vai até o outro dia. Isso não é despesa, É despesa? Pra quem tira 30, 40 contos só de latinha? Eu vou falar pra senhora, a vida é muito boa, tem que saber viver”. Marcha Lenta, em depoimento concedido nos bancos da praça da Cantareira, em setembro de 2012.

Nossa atividade está na descrição dos fenômenos observados, esboçando uma compreensão das formas atuais, segundo as perspectivas dos sujeitos que vivem a cidade. Observamos redes de circulação conhecidas dos moradores de rua que apontam intersecções entre distintos moradores da região, entre diversas posições sociais. Temos espaços utilizados como depósitos de objetos, relações pessoais estabelecidas. A relação com a Igreja, com instituições, e outros personagens urbanos compõem parte das ações empreendidas visando a mobilização por alimento e outros recursos (Silva, 2010:80). O estudo dessa população nos leva a por em questão categorias pensadas como universais na reflexão sociológica, tais como: público e privado, doméstico, íntimo.

Essa investigação partiu da concepção de uma “etnografia da duração” (Eckert e Rocha, 2009) que busca a produzir narrativas, configurando tempos e espaços da experiência da vida na cidade, que coexistem em sua pluralidade e diferença. No diálogo com a reflexão de Ricoeur (2000), em torno do rememorado e do esquecido na experiência subjetiva do tempo que é a memória quando narrada, configuramos experiências que compõem um quadro de fluxos e relações que constituem o território urbano tal como subjetivamente percebido. No entanto, encontramos algumas dificuldades para a produção de narrativas referidas às experiências socialmente valoradas como de insucesso. Os relatos trazem histórias trágicas, de abandono, violência doméstica, orfandade, que são rapidamente referidas como justificativa ao estar ali. Uma abordagem do presente, colada às práticas e às performances, aos corpos em relação, que constituem a paisagem humana do espaço estudado, é a que nos auxilia a estabelecer relações compreensivas com esta população.

Recentes debates acadêmicos apontam diferentes modos de nomear os moradores de rua: mendigos, pessoas em situação de rua, moradores de rua, sem teto. Em cada uma dessas formas há uma concepção que reconhece no outro uma possibilidade de vida mais ou menos legítima. O modo como os movimentos referem-se à essa experiência, “pessoas em situação de rua”, nomeia a situação

destacando o seu caráter transitório. Não me parece que essas pessoas tenham o projeto de voltarem a suas casas.

A perspectiva das pessoas é permanecer ali, habitando nos bancos de praça, onde, aprendendo a ver, podemos enxergar claramente o espaço da casa ocupado, na cozinha entre os canteiros de árvores, no quarto onde se recebe os amigos mais íntimos, ou na sala, nos bancos da praça onde se recebe os menos próximos para uma conversa ocasional com os passantes. Aprender a ver é o aprendizado que a pesquisa etnográfica proporciona.

Em processos de produção de imagens, compartilhamos com os sujeitos estudados a produção de narrativas sobre a cidade, de pontos de vista sobre o espaço urbano. Através da metodologia do filme etnográfico, levantamos narrativas acerca de socialidade e fluxos urbanos, e sobre como é que o tecido urbano se configura. A Antropologia Visual tem história no estudo dos modos de ver das populações estudadas e na compreensão das questões relevantes para estes grupos. Refiro-me aos trabalhos fundantes em **etnografia visual** de Mead e Bateson (1985), além dos trabalhos de seus continuadores, Sol Worth e John Adair (1972). Em ambos os casos, temos um antropólogo e um especialista em comunicação em contato com a cultura de grupos específicos. E o recurso à produção de imagens - em fotografia ou cinema - como modo de levantar as formas da cultura e, mais que isso, as perspectivas dos homens que a vivem. A partir de tais estudos temos um campo aberto para a investigação mediada pelo vídeo etnográfico. No nosso caso, a partir da produção de narrativas e da apropriação do vídeo como instrumento na produção de olhares sobre o tema dos fluxos urbanos. Alguns experimentos nessa direção foram já iniciados por Ana Galano (1995), que formou um núcleo de estudos em antropologia visual a partir da prática da etnografia mediada pela produção de imagens em favelas no Rio de Janeiro. Nesses estudos há um processo de adoção de pontos de vista sobre o espaço de moradia construído no diálogo com os moradores dos bairros estudados, da eleição de tais pontos de vista pode-se encontrar os temas e problemas relevantes para a população que vive o espaço.

A presença da câmera em campo foi sendo negociada em situações delicadas. No dia em que Maria fazia seu almoço em latas sobre uma fogueira na porta da Universidade nos aproximamos e dissemos que gostaríamos de gravá-la fazendo o almoço. Ela se negou. Acatamos, desligamos e guardamos o equipamento, mas continuamos por ali, estabelecendo diálogos. Tendo nos visto conversando com outras pessoas de sua relação ela foi aos poucos permitindo a nossa aproximação. Os senhores que habitam a praça disseram que um dia bom para gravá-los seria o domingo pela manhã, quando a Igreja distribui um café da manhã e os moradores da praça têm um tempo de convivência mais tranquilo. Seguimos essa orientação, mas naquele dia conflitos emergiram. Na praça há dias em que as situações são tensas. Seguindo as orientações do próprio grupo vamos reposicionando nossa abordagem. Há indivíduos que não querem ser filmados, há aqueles que são receptivos e há aqueles senhores narradores com longas histórias e experiências.

Desde o início da pesquisa de campo a presença da câmera de vídeo foi central no estabelecimento das relações. Mas o sujeito que fala elabora sua fala para a pesquisa. Ele está envolto, inserido em relações, o vídeo também documenta esse dado. Depois de termos sido identificados como pessoas ligadas à Universidade, Sr. Expedito seleciona e dirige o seu discurso aos estudantes, criticando-os. Todo ato de fala é sempre contextual.

Como David MacDougall argumenta, em seu percurso do cinema observacional à câmera interativa, o sujeito que se sabe no mundo, estabelece relações, de posições específicas.

Advogo hoje a favor de uma 'elaboração múltipla' ao invés de 'conjunta', resultando numa forma de cinema intertextual. Este passo pode fazer com que a diferença cultural e geopolítica que separa o realizador do 'sujeito', seja reconhecida mais claramente, a fim de que seja respeitada a integridade de cada voz. Podemos dizer que qualquer filme etnográfico inscreve o texto do realizador no texto de uma outra sociedade: um 'cinema intertextual' poderia adotar formas mais complexas como a inclusão de vozes múltiplas, o recurso de interpretações diferentes, a montagem de materiais provenientes de realizadores diversos, a sobreposição de antigos textos sobre novos, etc. Tais aproximações colocariam o filme etnográfico em melhor posição para confrontar visões opostas de uma mesma realidade e para assegurar a reciprocidade das experiências" (MacDougall, 1994:74).

Dessa maneira, temos como perspectiva construir abordagens metodológicas que nos instrumentalizem, para aprofundar a produção de tais olhares situados em experiências particulares do espaço urbano que se encontram no tecido das relações entre aqueles sujeitos que a cidade aproxima.

A edição de vídeo prepara material para o olhar dos que aparecem nas imagens, devolver o material gravado, editado, para os sujeitos filmados, é momento de poder reencontrar-se com a própria imagem, em sessões coletivas de exposições de vídeo. O objetivo inicialmente concebido, a realização do mapeamento das formas de ocupação do espaço urbano e das redes de relações entre moradores do bairro de São Domingos, foi se definindo e especificando. O levantamento dos fluxos e uma história das formas de habitação na região está ainda em esboço. O centro de nossa cartografia é o espaço da Praça e as relações que ali encontramos, cheias de conflitos que emergem no espaço público. Reunimos linguagens: o *stencil*, a fotografia, o vídeo, com projeções de filmes, visando possibilitar e aprofundar o diálogo. Na Praça, o trabalho com imagens, vai assumindo a forma que a relação estabelecida com os moradores da rua indica. A aproximação de nossos personagens foi registrada e a presença da câmera vai construindo a sua possibilidade. Inicialmente, a abordagem do desenho foi frustrada pela falta de familiaridade dos sujeitos com o lápis. A fotografia deve ainda ser experimentada como meio suficiente para a produção de apreensões da experiência vivida do espaço urbano, da perspectiva dos sujeitos estudados.

A abordagem do *stencil* com imagens referidas ao universo dos habitantes do espaço estudado é forma de diálogo com jovens moradores e meio de intervenção sobre o lugar em que se vive. No projeto de extensão, o *stencil*, praticado pelos estudantes participantes do projeto, foi apropriado como linguagem no estabelecimento de marcas em percursos inscritos pela pesquisa na cidade. Reconhecido como marca de percurso, a imagem grafitada em alguns pontos-chave abriu o debate em torno de algumas questões delicadas: a discriminação do espaço do “morro”. Um morador do morro recusa a imagem enquanto forma de

identificação. Esse elemento nos provoca a reflexão em torno dos estereótipos enfrentados por esta população, que recusa uma política de atribuição de uma identidade.

A realização de vídeo e a formação da equipe para a produção e edição de vídeo passam, necessariamente, por devoluções com exibição do material produzido na Praça, para os sujeitos filmados. O momento de ver-se opera no aprofundamento da relação de confiança na pesquisa.

A moradia popular, construída a partir da ocupação mais ou menos irregular dos morros e encostas pelas classes trabalhadoras há décadas, tem recebido uma reflexão esparsa pela literatura. As etnografias produzidas acerca das favelas revelam categorias, estratégias de ocupação do espaço urbano, pautadas em um padrão de moradia que caracteriza uma noção ampliada de família extensa que abriga descendentes, agregados, em casas que vão se ampliando verticalmente entre vielas escondidas pela arquitetura urbana. Na região que adotamos como objeto de nossa cartografia, que reúne os bairros de São Domingos e Gragoatá, em Niterói, pequenos morros abrigam residências de trabalhadores.

A Praça da Cantareira, espaço ocupado de diversas maneiras pelos nossos personagens, abriga homens e mulheres que elaboram estratégias de subsistência que adotam a rua como espaço de moradia. Debates em torno de como nomear essa população e como construir abordagens de pesquisas capazes de lidar com a sua existência tem mobilizado a produção de textos (Silva, 2010; Neves, 2010; Turra-Magni e Bruschi, 1998; Frangella, 2004), o que denota um esforço reflexivo para compreender uma população. A sua existência impõe a necessidade sociológica de categorizar suas formas de vida. Pessoas que adotam relações econômicas informais em diferentes atividades episódicas (catadores, guardadores de carros, carregadores, vendedores, eventuais pedreiros, ex-soldadores, pescadores) moram na praça, os que são casados com empregadas domésticas têm casas no morro. Acompanho os fluxos, as relações e as estratégias de subsistência adotadas. Trocas, dádivas e dívidas, marcam relações que duram.

A itinerância, adotada como estratégia de vida desse extrato da classe trabalhadora, colabora na construção de uma territorialidade que promove uma desterritorialização nas expectativas e imagens feitas por aqueles extratos da população que produzem e reproduzem o discurso hegemônico que circula nos grandes meios de comunicação. Uma invisibilidade marca a relação dos moradores de rua com outros personagens que ocupam o mesmo espaço, os estudantes, em seu modo de ocupar a praça como lugar de lazer, não notam a casa invisível que existe nas práticas dessa população.

O jornal *O Fluminense* de 19 de maio de 2012 divulga em fotografia de capa de sua edição de sábado a interlocutora da pesquisa tendo seu filho sendo recolhido pela Guarda Municipal em ação conjunta com a polícia militar. Numa das chamadas de capa *Oito moradores de rua são recolhidos e vão para abrigos* diz-se: “Operação da Secretaria de Segurança e Controle Urbano percorreu os bairros de São Francisco, Icaraí e São Domingos. As pessoas retiradas das ruas receberam alimentação, condições de higiene e cadastro. Essa não é a primeira vez que o Choque de Ordem é realizado em Niterói”. A fotografia de Mária tendo seu filho segurado por policiais utilizando luvas cirúrgicas enquanto ela era algemada é estampada na capa do jornal da cidade.

Encontro Maria na Praça com seu filho depois do dia tenso que fora a véspera. Alterada, exausta, dormindo no asfalto com um lençol de algodão, amamentando Pedro, na porta da Universidade fechada, ela se inflama ao pegar o jornal de minha mão. Os moradores da praça negam que alguém tenha sido “recolhido” da praça na véspera.

A política pública do choque de ordem produz esse tipo de visibilidade negativa da população que vive à margem do mercado de trabalho formal. Associando-os aos problemas urbanos, os meios de comunicação de massa são os principais sujeitos do discurso da “ordem”. O jornal da cidade ao divulgar imagens como a da violência policial sofrida por Maria contribui com a cegueira que impede o reconhecimento do lugar de tais sujeitos na vida da metrópole carioca. Essa

invisibilização cria espaço para um processo de criminalização dessa parcela da população trabalhadora.

Imagens publicadas pelo jornal O Fluminense de 19 de maio de 2012.



Imagem 01: Fonte: O FLUMINENSE, 2012



Imagem 02 . Fonte: O FLUMINENSE, 2012

8. O FLUMINENSE GERAL

Choque de ordem em bairros da Zona Sul

Em operação, agentes recolhem oito moradores de rua em Niterói

RUY MACHADO André Redlich

Uma operação realizada na manhã de ontem por agentes da Secretaria de Segurança e Controle Urbano, da Polícia Militar, da Polícia Civil, Guarda Municipal e assistentes sociais, percorreu os bairros de São Francisco, Icaraí e São Domingos e recolheu oito moradores de rua. A ação que já havia acontecido há 10 dias deverá ser mais frequente conforme informou o secretário Municipal de Segurança e Controle Urbano, Ruy França.

A ação começou pelo bairro de São Francisco, os agentes percorreram algumas vias à procura dos moradores, lá não houve recolhimento. Em Icaraí, duas pessoas que dormiam sob a marquise do antigo Cine Icaraí foram abordadas e aceitaram ser encaminhadas para o abrigo. Em São Domingos, mais seis moradores de rua que estavam na Praça da Cantareira também foram levadas para o abrigo.

mento e estas ações são bem-vindas. É muito ruim ter que frequentar uma praça e saber que ali há pessoas necessitadas", falou Hugo Senfft, 18 anos.

"Moro em São Gonçalo, lá não há ações como esta. Acredito que isso ajuda as pessoas, mas é preciso dar a elas condição para que não voltem às ruas", disse a pro-

pela Avenida Amaral Peixoto, Rua da Conceição e Caminho Niemeyer.

Mesmo com alguns dos moradores apresentando resistência, o trabalho dos



Policiais e guardas municipais recolhem uma moradora de rua na Praça Leoni Ramos

Imagem 03: Fonte: Jornal O FLUMINENSE, 2012

Para discutir o modo como os *media* constroem um discurso sobre os moradores da praça, parece-me eloquente emprestar aqui o conceito de "corpos abjetos" tal como definido por Judith Butler. O abjeto relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante. A autora coloca a questão do ser da seguinte maneira:

Como é que alguns tipos de sujeitos reivindicam ontologia, como é que eles contam ou se qualificam como reais? Nesse caso, estamos falando sobre a distribuição de efeitos ontológicos, que é um instrumento de poder, instrumentalizado para fins de hierarquia e subordinação, e também com vistas à exclusão e à produção de domínios do inimaginável" (Butler, 2002:160, tradução da autora).

Butler se pergunta como é que o domínio da ontologia, ele próprio está delimitado pelo poder (Prins e Meijer, 2002). Colocar a questão da ontologia dessa maneira, associada à questão do poder, nos remete de volta ao problema do reconhecimento das formas de vida dessa parte da classe trabalhadora, que, no Rio de Janeiro, se reproduz nas ruas, como catadores de mariscos ou de materiais recicláveis, criando soluções para o problema da subsistência. Esses sujeitos, que as abordagens sociológicas ou os movimentos sociais chamam de 'sem-teto', 'pessoas em situação de rua', ou ainda de 'lumpem proletariado', lançam olhares sobre as relações sociais instituídas, narram suas experiências, criam estratégias para se relacionarem com a ordem estabelecida. Aqui, a questão do reconhecimento chega ao seu limite. O 'ser' morador de rua recusa a sua própria identidade.

Butler dialoga com a questão dos "corpos abjetos" colocada por Julia Kristeva em *Pouvoirs de l'horreur*. Essa última define o abjeto como "aquilo que é um distúrbio à identidade, ao sistema, à ordem. O que não respeita fronteiras, posições, regras" (Kristeva, 1982:16). "Nem sujeito, nem objeto, habitante de fronteiras, sem desejo nem lugar próprios, errante, dor e riso juntos, em um mundo imundo, o sujeito abjeto age em revolta". A noção coloca-nos no lugar onde o sentido colapsa, retornando ao problema da identidade recusada, do limite do sentido, do absurdo da miséria, da fome, da desvalorização que justifica toda forma de violência física e simbólica. Entrar em contato com estas experiências nos impõe a necessidade de ouvir os silêncios, ler os corpos, notar estratégias que negam quaisquer discursos rápidos e superficiais sobre a situação, sobre o instante em que a vida se dá, cheia de limites e perigos.

Construímos, com a abordagem do vídeo etnográfico, uma outra forma de lidar com o problema da visibilidade. A pesquisa etnográfica contou com a medição da câmera de vídeo, mas sabendo das insuficiências e de tudo o que também não pode ser mostrado. Uma antropologia compartilhada com a experiência particular dos moradores da Praça, reconstrói uma temporalidade específica, relações. Fotografando a moradia popular, antropólogos encontram a questão do ponto de

vista (Galano, 1995; Andrade, Motta e Lara, 1995; Carvalho, 1995; Madeira e Pontes, 1995).

Barbara Glowczewski (2006) nos apresenta o desafio de reconstruir percursos, trajetões vividos ou imaginados, na pesquisa por um diálogo entre as linguagens da etnografia e as linguagens do mundo, na busca por modos de reportar a experiência da pesquisa de campo, em uma base multimídia. Um *site* deve apresentar essa cartografia de múltiplas experiências, percepções, relações com um mesmo espaço geográfico, que se torna outro quando é vivido diferentemente por perspectivas particulares. Experiências distintas propõem a localização de diferentes pontos de vista e de escuta da praça. Sujeitos que, ao ocuparem o espaço de determinada forma, vêm um espaço que é completamente outro a cada ponto de vista. Pontos que possibilitam uma percepção, lugares de ensurdecimento e cegueira em relação a outros.

Bibliografia

- ANDRADE, Ernesto A.; MOTTA, Ariana; LARA, Paulo Castiglioni. "A lei e os costumes numa favela da zona sul do Rio de Janeiro". *Série Iniciação Científica*, n.6. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- BOTELHO, André Amud. *Revitalização urbana em Niterói: uma visão antropológica*. Niterói, Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFF, 2006.
- BUTLER, Judith. "Como os corpos se tornam matéria: Entrevista com Judith Butler". Entrevistadores: de Prins, Baukje e Meijer, Irene Costera. *Estudos Feministas*, Ano 10. 1/2002: 155-167.
- CARVALHO, Luciana Gonçalves. "Retrato falado de um loteamento periférico". *Série Iniciação Científica*, n.6. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. "Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea". *Estudos Históricos*. v. 23, n.43. Rio de Janeiro, 2009: 105-124.
- FRANGELLA, Simone Miziara. *Corpos urbanos errantes: Etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Unicamp, 2004.
- GALANO, Ana. "Fotografando a moradia popular no Rio de Janeiro: um projeto experimental". *Série Iniciação Científica*, n.6. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

- GLOWCZEWSKI, Barbara. "Linhas e entrecruzamentos: Hiperlinks nas narrativas indígenas australianas" e "Cruzada por Justiça Social: Morte sob custódia, revolta e baile em Palm Island (Uma colônia punitiva na Austrália)". In: *Saberes e Práticas Antropológicas: Conferências e diálogos*. 25ª. Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, 2006.
- KRISTEVA, Julia. *Powers of horror. An essay on Abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.
- LEPECKI, Andre. "Coreo-política e coreo-polícia". *Ilha*, v. 13. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2012.
- MACDOUGALL, David. "Mas afinal, existe realmente uma antropologia visual?". *II Mostra Internacional do Filme Etnográfico*, Rio de Janeiro, 1994.
- MADEIRA, Carlos P.; PONTES, José Renato. "Utilização do espaço privado e coletivo num cortiço carioca". *Série Iniciação Científica*, n.6. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- MEAD, Margareth e BATESON, Gregory. *Balinese Character*. New York: Academy of Sciences, 1985.
- NEVES, Delma Pessanha. "Habitantes de rua e vicissitudes do trabalho livre". *Antropolítica* 29, Universidade Federal Fluminense, 2010. p.99-130.
- PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera. "Como os corpos se tornam matéria: Entrevista com Judith Butler". *Estudos Feministas*, Ano 10(1), 2002. p. 155-167.
- RICOEUR, Paul. *La memoire, l'histoire, l'oublie*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- SILVA, Thiago Lemões da. "A rua como espaço de interação social: um estudo antropológico das relações entre população em situação de rua e grupos caritativos". *Antropolítica* 29, Niterói, 2010. p.131-149.
- TURRA-MAGNI, Claudia e BRUSCHI, Mauro. "Em busca do nomadismo da imagem no trânsito entre Antropologia e Arte". In: SAMAIN, Etienne (org.) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 177-190.
- WORTH, S. e ADAIR, J. *Trough Navajo Eyes. An Exploration in Film Communication and Anthropology*. Bloomington: Indiana University Press, 1972.